



Faixa 5

As cantigas de escárnio e maldizer

02 min 53 s

OEXPIODP © Porto Editora

A produção dos trovadores e jograis galego-portugueses distribui-se, como é sabido, por três géneros maiores: *cantigas de amigo* (lírica em voz feminina), cantigas de amor (lírica em nome próprio) e *cantigas de escárnio e maldizer*. [...] A sua designação, adotada pelos trovadores e devidamente explicada na “Arte de Trovar” que inicia o Cancioneiro da Biblioteca Nacional, aponta já para a zona de funcionamento destas últimas cantigas, zona que poderemos classificar, genericamente, como a zona da sátira, uma sátira, em geral, individualmente dirigida. De facto, utilizando a definição da “Arte de Trovar”, trata-se essencialmente, nestas cantigas, de “dizer mal”, quer de uma forma direta (*descubertamente*, diz a “Arte de Trovar”), quer de uma forma mais subtil (por *palavras cubertas*, ou seja, num registo de dupla leitura [...]). É esta diferença de métodos que está na raiz da distinção entre, respetivamente, maldizer e escárnio, distinção mais teórica do que prática, diga-se, uma vez que ela não parece ser passível de definir com precisão nas próprias cantigas.

Nos Cancioneiros, os trovadores e jograis “dizem mal”, nestas duas modalidades, em cerca de 475 cantigas, número assinalável e que representa mais de um quarto das composições que chegaram até nós. [...] Textos a que poderemos chamar de intervenção, as cantigas de escárnio e maldizer, ainda que na sua esmagadora maioria pessoalmente endereçadas, [...] distinguem-se claramente da simples maledicência circunstancial. As regras fixas a que deveriam obedecer, a discussão de critérios e de métodos de que elas próprias são, por vezes, porta-voz, dão-nos conta (para além do talento dos poetas, obviamente) de que estamos face a uma arte elaborada, que o termo sátira poderá, melhor que nenhum outro, definir. Diga-se, pois, em resumo, que, tal como acontece com a arte lírica das cantigas de amor e das cantigas de amigo, a arte satírica galego-portuguesa nos legou um conjunto de textos, em geral notáveis, onde trovadores e jograis riem, criticam, combatem pessoal e politicamente, dando largas a uma veia cómica e satírica que permanece como uma herança maior da Idade Média peninsular. [...]

[...] A dimensão lúdica deverá, assim, ser tomada em conta em muitas destas cantigas. O que não significa que a sua dimensão de textos de intervenção deixe de implicar, muitas vezes, um difícil equilíbrio entre combate, violência e riso – equilíbrio que, em todos os tempos, define o território flutuante da sátira.

LOPES, Graça Videira, 2002. “Introdução”. In *Cantigas de Escárnio e Maldizer*. Lisboa: Editorial Estampa (pp. 12-13)

